

O falso sentimento de que no Brasil não existe racismo

Quando um tema ganha as manchetes das mídias e contagia, como um vírus, as redes sociais, esse tema apenas sai debaixo de uma massa de outros temas que a sociedade faz de conta que não conhece e deixa sempre para depois o seu enfrentamento.

O assunto das últimas semanas envolve comentários e críticas contra a jornalista Maria Júlia, conhecida por Maju, que recentemente passou a ser a nova garota do tempo do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. O fato de ela ser negra despertou rai-

va nos críticos; por sua presença, não pelo seu trabalho.

Ao ler os comentários sobre Maju na postagem do site do Jornal Nacional, feito por pessoas escondidas no anonimato ou em um pseudônimo, o que se observa, em essência, é um sentimento do tipo: "o que você, negrinha, está fazendo aí no principal telejornal da TV brasileira?" "Negrinha, este lugar não é seu." "Negrinha, você já foi longe demais." "Negrinha seu lugar é na cozinha." Esta última frase remete ao comentário de Fernando Henrique Cardoso quando presidente, dizendo que tinha um pé na cozinha, para manifestar que na sua origem há negros.

As manifestações de ódio contra Maju têm o mérito de trazer esta discussão do racismo para o horário nobre (o de maior au-

diência) na TV brasileira e expor para o Brasil casos de racismo que inundam a vida comum. O falso sentimento de que no Brasil não existe racismo é passado a limpo e as várias Majus que inundam nosso País ganham um canal para manifestar a sua dor. A Maju incomoda pelo lugar que está, as Majus do Brasil não ganham chance de passar nessa barreira invisível do comportamento de qualquer pessoa que se indigna em ter no seu nível (imaginem num maior) alguma pessoa cuja cor da pele seja um pouco mais escura que a sua. Isso para não falar do cabelo. Quando se coloca essa lente sobre os presídios do Brasil, o que se vê é ainda mais sintomático: a grande e absoluta maioria de negros. Quando se coloca essa lente do racismo nos internos da Fundação Casa (antiga Febem e local de recuperação de jovens infratores) a realidade é a mesma: grande e absoluta maioria de negros.

A TV Brasil (quem tem TV a cabo sintoniza esse canal) exhibe uma novela angolana em horário nobre. Novela como temos as nossas, de sucesso imenso na TV Globo. A estética (forma) é idêntica à das novelas brasileiras. Há muita luz, luxo, lugares limpos, paisagens

exuberantes, músicas motivadoras. A trama é muito similar à das novelas brasileiras. De um lado estão os "mocinhos" e do outro os "bandidos", sendo antagônicos nas relações amorosas, profissionais e pessoais. A absoluta maioria, senão todos os personagens, são negros. Como o grande educador do Brasil, para o bem e para o mal, a televisão (principalmente as telenovelas) pode contribuir para que o necessário discurso de igualdade entre pessoas de pele de cor diferente ganhe espaço e visibilidade. O sucesso das novelas está ligado a diferentes e variados fatores da cultura nacional, mas é evidente que toda esta explicação passa pelo quanto os personagens da trama representam o cidadão médio do país.

Os autores das novelas são craques em captar quem é este povo, o que ele pensa, e mostrar a ele que se reconhece quando faz a vez de telespectador. Assim, quando as novelas derem mais representatividade para o povo negro, em papéis reais de protagonista, portanto, não caricatos, e deixar de lado o papel de "doméstica", uma voz audível nascerá para mudar a consciência racista que domina mentes medíocres no Brasil.



Jean-Baptiste Debret, 1768-1848